

O que fazemos com o nosso lixo?

Edição especial de dez anos mostra o que dez coisas podem causar à natureza quando jogadas fora de maneira errada

AN.com.br: Estreia hoje o blog ANverde

Jogo ecológico para aprender brincando



FOTOMONTAGEM DE PABLO MAYER SOBRE FOTO DE EMERSON SOUZA E DIVULGAÇÃO



A NOTÍCIA

AN.com.br

JOINVILLE, QUINTA-FEIRA, 10 DE DEZEMBRO DE 2009

Nº 25.075 • FUNDADO EM 1923

R\$ 1,50



FABRIZIO MOTTA

VIDAS ESQUECIDAS



As histórias de dois homens com problemas mentais que há anos foram abandonados pela família e dependem do poder público para sobreviver. Em 2010, eles podem trocar os hospitais por residência terapêutica em Joinville. Páginas 12 e 13

Paciente de 54 anos observa a paisagem pela janela do seu quarto na ala psiquiátrica do Hospital Regional de Joinville. A família diz não ter condições de cuidar dele

BONS NEGÓCIOS
A NOTÍCIA

ENCARTADO NESSA EDIÇÃO

CALENDÁRIO
2010

Uma chance para 20 mil saírem da informalidade

Lei do Empreendedor Individual vira realidade em Joinville com a proposta de facilitar a regularização de pequenos negócios. O trabalhador que aderir terá cobertura da Previdência Social e poderá ter acesso a juros mais baixos nos bancos. Confira o que fazer para se regularizar. **Página 21**

TIGRE

Como TIGRE, só tem TIGRE.

VIDAS ESQUECIDAS

A família s

O poder público assume responsabilidade de dar sustento, atenção e carinho a vítimas de doenças mentais abandonadas pelos parentes. Agora, eles podem trocar o hospital por residência terapêutica em Joinville

FOTOS JESSÉ GIOTTI



DE PASSAGEM

Joinvilense Pedro* na casa em que vive, em São José. Ele paga o aluguel e se sustenta com o dinheiro da aposentadoria

“

Vi tudo pavimentado, muitos automóveis. Não me perdi, mas a casa onde vivi não existe mais.

PEDRO*, lembrando que no mês passado viajou sozinho para Joinville para rever a cidade em que nasceu

CAMILLE CARDOSO
JOINVILLE

camille.cardoso@an.com.br

Há 42 anos, a vida de Pedro* está num bairro de São José que ficou conhecido pelo nome de um dos mais antigos manicômios do Estado, a Colônia de Santana, na Grande Florianópolis. É mais tempo do que o homem de 61 anos passou na cidade em que nasceu. Aos 19 anos, Pedro foi levado, escoltado por policiais, de Joinville para o então manicômio em São José.

Na época, ele sofria surtos cada vez mais frequentes de esquizofrenia (doença que causa alucinações). Assim, Pedro começou a perder o vínculo com a família. De uma época em que não havia remédios adequados para manter a doença sob controle, ficou para os familiares a lembrança do jovem que ficava violento de uma hora para a outra. As visitas escassearam até cessar.

Da colônia, Pedro só saiu em 2005. Passou a dividir uma casa com outros cinco homens, no outro lado da avenida Engelberto Koerich, antigo endereço da

colônia e atual do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina (IPQ). Na casa, todos os moradores enfrentam doenças mentais para ter um dia a dia como o de qualquer pessoa. Foi o início da adaptação de Pedro ao que será um grande desafio para alguém que vive há tanto tempo debaixo da asa de uma instituição. Em meados de 2010, ele voltará a morar em Joinville com outros sete moradores, numa casa alugada pela Prefeitura.

A casa em que Pedro vai morar é uma iniciativa que tenta preencher uma lacuna. O Ministério da Saúde hoje condena a permanência de doentes mentais em locais que possam ser considerados asilos. Na esteira do movimento chamado de Reforma Psiquiátrica, o governo federal quer evitar que doentes mentais passem a vida inteira em celas de instituições que acabam conhecidas como “casas de loucos”. Mas não diz o que deve ser feito quando pacientes internados não têm para onde ir. Pedro sabe onde seus familiares moram em Joinville. Só que há tempos a família deixou para o governo estadual a tarefa de cuidar dele.

No mês passado, Pedro foi sozinho a Joinville para rever a cidade pela primeira vez. Pegou um ônibus na rodoviária e dispensou o táxi para poder caminhar. “Vi tudo pavimentado, muitos automóveis. Não me perdi, mas a casa onde vivi não existe mais”, conta. De Joinville, ele se recorda do primeiro trabalho, dos 14 aos 19 anos, na Raimann, uma fábrica de máquinas que já deixou a cidade. Lembra de matagais e ruas de chão.

Quando Pedro foi para a colônia, recebeu os tratamentos mais comuns: choques elétricos e as injeções de insulina, que provocam convulsões e coma. Ambos serviam para acalmar pacientes instáveis. Os primeiros medicamentos específicos tinham doses altas demais. Fizeram surgir efeitos colaterais. Hoje, Pedro sente tremores nas mãos.

O que mantém o cotidiano dele atualmente são oito comprimidos diários. Assim, consegue levar uma vida bem próxima da normal. Sua tarefa na casa é lavar a louça e o banheiro. Pedro só sente um pouco de vergonha do vício em cigarros. “Gosto também de cachimbo”, confessa.

“

A casa tem de funcionar como uma moradia, não como uma clínica.

SANDRA VITORINO, coordenadora da saúde mental da Secretária de Saúde de Joinville, sobre a moradia terapêutica onde Pedro ficará



SOLIDÃO
Valcir*, 54 anos, observa a paisagem de Joinville cortada pela janela. A vista tem feito companhia a ele nos últimos 18 meses

SAIBA +

MANUTENÇÃO DA MORADIA

O aluguel da casa no bairro Floresta custará R\$ 3,7 mil à Prefeitura de Joinville. Também haverá licitação para contratar serviço de cuidador, cozinheira e serventes de limpeza. Psicólogos e terapeutas ocupacionais virão do município. Segundo a coordenadora da saúde mental de Joinville, Sandra Vitorino, não há como a Prefeitura desistir do serviço. "Assim que o Ministério da Saúde entregar os R\$ 10 mil para montar o serviço, não tem como voltar atrás."

Joinville terá casa terapêutica

Em Joinville, a residência terapêutica foi um pedido da Justiça, em resposta a uma ação do Ministério Público. Em SC, há só três casas, todas em São José. São ligadas ao IPQ, que substituiu a colônia no atendimento psiquiátrico. Na Residencial Atena, onde vive o joinvilense Pedro, os próprios moradores pagam o aluguel e se sustentam com o dinheiro de aposentadorias e outros benefícios.

Joinville é o primeiro município a manter uma moradia: as casas serão sustentadas pela Prefeitura. A primeira será criada em fevereiro. Como a lotação está esgotada, outra deverá ser aberta em agosto. Na primeira, no Floresta, os moradores serão pessoas que saíram da cidade (algumas, há décadas) e não podem contar com as famílias. Há ainda dois internados na ala psiquiátrica do Hospital Regional Hans Dieter Schmidt. Os futuros moradores da casa se conhecerão nesta sex-

ta-feira em Joinville, durante um almoço de confraternização.

Os que precisam de ajuda para tomar remédios ou se locomover, serão apoiados o dia inteiro por um cuidador. Mas a ideia é que os moradores tenham uma vida autônoma. O IPQ acompanha 12 pacientes da região de Joinville que não podem contar com as famílias. Apenas dois recebem visitas. Pelo menos cinco estão fora de suas cidades desde a década de 70. Pacientes há tanto tempo internados passaram por um processo conhecido por "institucionalização". Para eles, é difícil entender a vida fora da enfermaria do IPQ.

A enfermeira Eliani Costa, do IPQ, quer estimular as prefeituras a criarem casas como essa. "As residências não podem ser tachadas de asilos ou colônias. As pessoas têm de ser vistas como comuns, serem atendidas no posto de saúde. Não podem depender para sempre de hospitais", afirma.

Leitos que podem ser extintos

As residências terapêuticas têm um ponto desfavorável que precisa ser considerado, afirma o psiquiatra Sérgio Tamai, da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Ele lembra que as casas também ajudam indiretamente a reduzir o número de leitos psiquiátricos. Isso tem ocorrido no próprio IPQ. Assim que o paciente sai da enfermaria e recebe alta, o leito que ele ocupava antes é extinto.

Para o psiquiatra, a redução drástica de leitos é uma visão distorcida da política antimanicomial. "A internação é um recurso para casos agudos, em que nada dá certo", afirma. O médico acredita que a falta de leitos pode impedir o atendimento do número

crescente de doentes psiquiátricos. Tamai faz parte da comissão da ABP que acompanha a política de assistência psiquiátrica no Brasil. O governo federal tem se empenhado em estimular a criação de centros de atenção psicossocial (os Caps), que não têm internação por período maior que 24 horas. Apesar de SC estar acima da média nacional, há ainda cidades com mais de 20 mil habitantes que não possuem Caps. É o caso de São José. Em Joinville, há quatro Caps.

A enfermeira Eliani Cunha, do IPQ, defende as residências para impedir uma situação: há familiares que não apoiam os doentes, mas ficam com o dinheiro de aposentadorias por invalidez.

Quando o tempo não faz diferença

Perto de uma janela, por onde se vê uma paisagem de Joinville cortada pela estrutura dos vidros, fica a cama de Valcir*, 54 anos. A vista tem feito companhia a ele nos últimos 18 meses. Não que o tempo faça diferença para ele. O ex-guarda municipal e dono de bar em São Francisco do Sul hoje tem dificuldades de perceber a passagem do tempo. Lembra como recentes coisas ocorridas há anos. Fora isso, já era para Valcir ter recebido alta. Está no hospital porque não tem para onde ir. Ele será um dos moradores da residência que a Prefeitura alugou para 2010.

A fala de Valcir é calma. Quando não entende a pergunta, responde com outra interrogação: "Senhora?". Conta que quer muito sair dali, chama o hospital de "prisão". Como entende mal os relógios, precisará de ajuda para tomar os remédios que o mantêm estável. O psicólogo Gerson Hermes de Souza comenta que Valcir só se irrita quando faltam cigarros. Valcir brinca que o mais difícil é ficar longe da bebida. Souza rebate: "Mas você lembra o

que acontece quando você bebe?". Valcir passa a mão pelo rosto. "Você tem convulsão", completa o psicólogo.

Valcir sofreu um acidente de motocicleta que lhe rendeu dois meses no Hospital São José. Quebrou braço e cabeça. Antes, bebia muito, chegou a morar na rua. Portanto, os médicos desconhecem se o que motivou a doença foi o acidente ou o uso prolongado de álcool. No prontuário, está esquizofrenia. Ele tem uma irmã de criação em Joinville, que afirma não ter condições de cuidar dele. Os pais estão mortos; os filhos, espalhados em várias cidades.

Os 30 leitos da ala volta e meia são ocupados por pacientes que não precisariam estar ali, segundo os médicos. "É uma demanda puramente social", afirma Souza. Nos últimos três anos, o psicólogo acompanhou histórias de doentes que não têm o apoio da família. Desde casos em que a doença é grave demais a famílias que simplesmente não têm estrutura para lidar com o assunto. Não conseguem ajudar o doente a manter os remédios e a terapia.

“ Há ainda quem encare o doente mental como uma pessoa 'ruim'. Chega a um ponto em que é difícil diferenciar a personalidade da pessoa dos traços da doença. ”

GERSON HERMES DE SOUZA, psicólogo que acompanha histórias de pacientes

AS ESTRUTURA PARA TRATAR DOENTES MENTAIS

■ **Caps 1, Infante-Juvenil Cuca Legal**
Focado em adolescentes com até 16 anos. Não atende deficientes intelectuais. Auxilia menores de 14 anos que têm problemas com drogas.

Tem assistente social, psicólogo, psiquiatra, terapeuta ocupacionais e enfermeiras. Rua Alexandre Schlemen, 275. Anita Garibaldi. Fone: 3432-3602.

■ **Caps 2, Centro de Atenção Diária "Nossa Casa"**

Acompanha o tratamento e ajuda os familiares. Tem psicólogo, assistente social, terapeuta ocupacional, farmacêutico e enfermeiro. Rua Alexandre Schlemen, 850. Anita Garibaldi. Telefones: 3422-7161 e 3433-5902.

■ **Pronto Acolhimento Psicossocial (Paps)**

Aconselha, ou seja, faz o primeiro atendimento e encaminha para outros

serviços. Dispõe de psiquiatra, clínico e agente de saúde. Rua Engenheiro Niemeyer, 300. Centro. Fone: 3433-9659.

■ **Caps "Dê-lírio" (Caps 3)**

Atende transtornos mentais graves. Oferece internação noturna para pacientes encaminhados por um Caps. Rua Plácido Olímpio de Oliveira, 1489. Atiradores. Fone: 3423-0245.

■ **Serviços Organizados de Inclusão Social**

Oficinas de geração de renda e lazer. Tem terapeuta ocupacional, psicólogo e oficinheiros. Rua São Paulo, 2.107. Itaum. Fone: 3438-3564.

■ **Hospital Regional Hans Dieter Schmidt**

Tem 32 leitos, pronto-socorro. A internação máxima é de 30 dias. Rua Xavier Arp, sem nº. Boa Vista. Fone: 3461-5500.